

COMUNICAÇÃO E SAÚDE

PESQUISA COMUNICASUS

RODRIGO MURTINHO

**[A MÍDIA COMO PRODUTORA DE DOENÇA:
O EXEMPLO DA REGULAÇÃO
DA PROPAGANDA DE MEDICAMENTOS]**

ÁLVARO NASCIMENTO

DIREITO HUMANO À COMUNICAÇÃO

ROGÉRIO TOMAZ JUNIOR

MEDIADORA: MADEL LUZ

POLÍTICAS E PRÁTICAS DE COMUNICAÇÃO NO SUS: PESQUISA COMUNICASUS

Rodrigo Murtinho

Pesquisador do Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde (Laces), ICICT / FIOCRUZ

Minha intervenção é mais voltada para apresentar a pesquisa “Políticas e práticas de comunicação no SUS: mapeamento, diagnóstico e metodologia de avaliação”, iniciada ano passado no Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde (Laces), do Icict¹. A pesquisa parte de que a proposta do SUS foi estruturada com bases e princípios que devem organizar a sua prática, tais como: universalidade, equidade, integralidade, descentralização e participação social.

Em todo o sistema, esses princípios têm sido objeto de luta e perseguidos como ideal. A comunicação tem andado um pouco na contramão dessa história, dado que a maioria das políticas estratégicas favorece a concentração da produção e da circulação da palavra; ignora os contextos específicos, homogeneizando o público-alvo; e entende participação como adesão. É resultante de uma perfeita simbiose entre modelos autoritários da saúde e da comunicação.

Predominantemente, vem-se demonstrando resistência aos ventos de mudança que sopram insistentemente. Essa problemática está na origem da pesquisa. Não é homogênea. A necessidade de atualizar o diagnóstico vem do reconhecimento de que o campo da saúde vive momentos intensos de questionamentos e

demandas de renovação, novas conjunturas políticas, institucionais e discursivas.

Intensifica-se a discussão sobre o papel das mídias na constituição de sentidos na saúde e do crescimento por maiores espaços de fala. Pesquisas aumentam as evidências de que é bastante considerável o conhecimento da população em relação às medidas epidemiológicas, preventivas, mas que isso não garante a sua adoção.

As conferências e os conselhos de saúde, bem como outros fóruns e instâncias, vêm, progressivamente, incorporando a comunicação como tema relevante. O campo científico e tecnológico da saúde começa a perceber a existência e a importância da comunicação como instância constitutiva nas práticas institucionais, inclusive contemplando o tema nas suas agências de pesquisa.

Vamos a uma rápida análise da pesquisa, cujos objetivos gerais são: contribuir para o fortalecimento do SUS através do conhecimento analítico e crítico que possibilite o aprimoramento das práticas e reflexões que aproximam e articulam os campos da saúde e da comunicação; atualizar o diagnóstico sobre a comunicação na saúde, no âmbito do Sistema Único de Saúde, que completa 20 anos. Não é

A NECESSIDADE DE ATUALIZAR
O DIAGNÓSTICO VEM DE RECONHECER
QUE O CAMPO DA SAÚDE
VIVE QUESTIONAMENTOS
E DEMANDAS DE RENOVAÇÃO

para refletir somente sobre seus avanços e conquistas, mas também a necessidade de aperfeiçoamento que o sistema vem apontando.

Nosso objetivo específico, além do próprio mapeamento proposto pela pesquisa, é desenvolver processos e indicadores qualitativos para identificação, acompanhamento e avaliação de práticas e políticas de comunicação realizadas no SUS. Queremos sistematizar e analisar as principais características dos processos comunicacionais no SUS para a melhoria da oferta dos serviços, redução das distorções e iniquidades, ampliação da participação cidadã na formulação e implementação e avaliação das políticas públicas de saúde.

Queremos oferecer aos planejadores e gestores da saúde coletiva subsídios que permitam aprimorar suas estratégias de comunicação para a promoção da saúde e prevenção dos agravos. Em outros termos, queremos descobrir quem está fazendo e falando o quê sobre comunicação, para quem, por que meios, de que modos, quando e onde. Quais são as principais matrizes e concepções teóricas que formam essa prática?

A pesquisa é coordenada por Inesita Soares de Araújo², e eu estou na coordenação executiva. Nossas parcerias são com o Ministério da Saúde, a Universidade do Vale dos Sinos (Unisinos)³, a Universidade Federal do Rio de Janeiro⁴, o Centro de Pesquisa Aggeu

QUEREMOS SISTEMATIZAR E ANALISAR
AS CARACTERÍSTICAS DOS
PROCESSOS COMUNICACIONAIS NO SUS
PARA MELHORAR SERVIÇOS, REDUZIR INIQUIDADES E
AMPLIAR A PARTICIPAÇÃO

Magalhães⁵, a Secretaria Estadual de Saúde do Pará⁶, a Escola de Saúde Pública de Mato Grosso⁷ e a Secretaria Municipal de Produção, Indústria e Comércio de Porto Alegre⁸. Essas instituições cederam pesquisadores e infraestrutura para que fosse possível realizar a pesquisa de campo. Contou com financiamento e apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e do Icict, através do Programa de Indução à Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico, PIPDT⁹.

Na primeira fase, foi realizada pesquisa de campo entre 2007 e 2008. Em maio de 2008, fizemos um seminário que reuniu os pesquisadores que participaram da pesquisa de campo para fazer uma avaliação do trabalho. Foi o início de uma consolidação dos dados, processo que estamos vivenciando agora.

A segunda fase da pesquisa consiste em consolidar e analisar os dados, além de mapear as matrizes de ensino de comunicação e saúde. Este processo vai terminar ainda este ano. Realizamos a pesquisa em uma capital de cada região do país: Rio de Janeiro, Recife, Cuiabá, Belém e Porto Alegre, além do Distrito Federal.

Visitamos 110 instituições num total de 120 unidades pesquisadas. Por exemplo, na Fiocruz, apesar de contarmos como apenas uma instituição, entrevistamos pessoas de várias instâncias ou

unidades como do Icict, do Portal Fiocruz, da VideoSaúde, do Canal Saúde¹⁰. Assim como, nas Secretarias de Saúde entrevistamos, além de gestores e equipes de comunicação, coordenadores de programas importantes.

No Rio de Janeiro, a coordenação ficou a cargo de Janine Miranda Cardoso, pesquisadora do Laces/Icict. Pesquisamos 33 instituições, sendo que em algumas desdobramos em diversas unidades, como nos casos da Fiocruz e da Secretaria Municipal de Saúde, citados anteriormente. Nas visitas, realizamos entrevista e coleta de materiais de comunicação. Entre as instituições pesquisadas estão ONGs, secretarias de saúde, agências de publicidade, agências de comunicação e movimentos sociais.

Em Recife, a coordenação ficou por conta de Sílvia Santos, do Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães. Em Cuiabá, com Sérgio Brito; em Belém, com Cândida Roberta Vilanova; em Brasília, com Adla Marques, do Ministério da da Saúde¹¹.

NOTAS

1 Apresentação na íntegra em <http://www.cict.fiocruz.br/media/rodrigomurtinhosus.pdf> (acesso em 07/04/2009).

2 Veja a apresentação da pesquisadora em <http://www.cict.fiocruz.br/media/inesitasoaoressus.pdf> (acesso em 07/04/2009).

3 <http://www.unisinos.br> (acesso em 07/04/2009).

4 <http://www.ufrj.br>

5 O Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães (CPqAM), fundado em 1950 em Recife, Pernambuco, desde 1970 é uma unidade técnico-científica da Fiocruz. Dedicado aos problemas socio-sanitários no Nordeste, é